Risos com o vento

BERNARDO CARVALHO

Idos com o Vento... — *Direção, Roteiro e Cenografia: Isay Weinfeld e Marcio Kogan. Fotografia: Pedro Farkas. Diretora de Produção: Mônica Naves. Figurinos: Patrício Bisso. Montagem: Mauro Alice. Elenco: Mira Haar, Patrício Bisso, Vivian Canoletti, Ayrton Bicudo e Eduardo Strumpf. Produção: WKW Filmes. Duração: 8 minutos. 1983. 35mm.*

Idos com o Vento... parece ter sido produzido por leitores ardorosos (e, invariavelmente, distraídos) dos *Statements* de Herbert Quain, para quem "das diversas felicidades que pode ministrar a literatura, a mais alta era a invenção".[1] E seu motor básico ajusta-se com perfeição às idéias de um dos personagens dos contos góticos de Karen Blixen: "Por vezes, uma história ganha em ser compreendida apenas parcialmente".[2] Tudo no filme gravita em torno de um mecanismo original sobre o qual ouso estabelecer um simpático axioma: existe entre o conhecimento e a invenção um antagonismo semelhante ao dos pólos idênticos de um ímã.

Inicialmente, deve-se frisar o ponto de partida desse pequeno filme. Ao contrário dos documentários tradicionais (e mesmo de certas ficções) que partem de uma pesquisa detalhada ou de uma proximidade física com o objeto abordado, ou ainda, quando esse objeto é uma obra literária, do exame de sua parte substancial, *Idos com o Vento...*, ironicamente, estabelece seu ponto de decolagem no que há de mais vil e desprezível em literatura: a "orelha". Sim, convém não se assustar: o filme é baseado estritamente nas informações da orelha do *best-seller E o Vento Levou,* de Margaret Mitchell, nada mais. E o inusitado é que, para horror dos inquisidores e adoradores da informação e deleite do espectador, ousa contar, a partir daí, a vida da escritora. A heresia não poderia ser maior, o humor também não, e o interessante é a impressão que acaba decorrendo dessa atitude: para ser possível a criação, o humor e a invenção, é preciso se aproximar do objeto apenas superficialmente. O conhecimento levado às últimas conseqüências, detalhado, profundo — não levando em conta o caráter ilusório desse empreendimento —, só pode produzir efeitos rígidos, excessivamente sóbrios, tristes. *Idos com o Vento...*, já pelo título, aceita com tranqüilidade a fugacidade dos objetos e, ao contrário do conhecimento que pretende negá-la, trata de tirar daí tudo o que há de divertido.

Os exemplos pululam por todo o filme. Na cena em que o editor visita a autora para adquirir os direitos do livro, os diálogos, monossilábicos e sem qualquer fluência, se dão em inglês. Surgem então as necessárias legendas para nossa compreensão; só que, em vez de português, vêm escritas em japonês. Existe assim um obstáculo fundamental para o conhecimento, e o filme o apresenta com o maior espírito. Mesmo o travesti — quando Patrício Bisso toma o lugar de Vivien Leigh na seqüência em que Scarlett O'Hara sai correndo esvoaçante pelas aléias de Tara, desesperada com o casamento de Ashley e Melanie —, se não for tomado no sentido mais simples e desgastado de paródia, pode ser visto também como um disfarce, uma dissimulação do "objeto oral", mais uma armadilha para o ato de conhecer.

Mas existe também um outro fator que vem se encaixar com eficiência nessa gozação do conhecimento. No período da infância de Miss Mitchell, vê-se sua família (ela, o pai e a mãe) sentada num pequeno sofá, enquanto numa "janela" um pouco mais atrás acontece um terrível incêndio, uma explosão, ilustração da Guerra de Secessão, produzida através de uma projeção frontal. Margaret, ainda pequena, escuta a mãe que lhe narra a guerra, tatibitate, provavelmente como um romance para mocinhas. Tanto pela projeção frontal, quanto pela narração da mãe (silenciosa para o espectador), fica claro que tudo é produzido, o real não preexiste à informação, mas é produzido por ela. O mesmo ocorre na última seqüência, quando, já vivendo a glória de seu livro, a autora se encontra dentro de um carro, acenando para o lado de fora (como indício de seu sucesso). O tradicional fundo em movimento no vidro traseiro (mesmo processo de projeção frontal) desaparece subitamente, para espanto e indignação de Miss Mitchell, anunciando o final do filme (com suas pontas aparecendo), como se tudo em volta não fosse mais que cinema.

Além desse elogio da produção, desmistificador do real e, conseqüentemente, da crença na informação, haverá ainda a artrite de Margareth, que, no início de sua carreira, a impossibilitará de levar adiante a profissão de jornalista. Abandonando a busca de verdade e o exercício da produção de informação, Miss Mitchell é jogada, sintomaticamente, para um terreno radicalmente oposto: a ficção. Ironicamente, é a artrite da jornalista que a possibilita escrever a ficção *E o Vento Levou*, e o mais engraçado é que, reforçando essa idéia, as informações do filme são propositalmente banais, e, ridiculamente radicalizadas, acabam não levando a

Patrício Bisso como Scarlett O'Hara: esvoaçando pela orelha de um livro.

nada, a não ser, é claro, a um prazer hilariante do espectador.

O modelo formal é o de um jornal da tela, só que ficcionado, com atores (máscaras) no lugar dos originais. Desde a apresentação, com a música exaltada — característica não só do próprio *E o Vento Levou* como daqueles velhos globos terrestres girando sob os créditos das notícias da semana ou qualquer outra bobagem —, até a locução de Ramos Calhelha — reconhecível como paradigma da voz de "repórter da tela" — tudo ironiza a verdade jornalística, parodiando o local onde ela sempre foi mais caricaturalmente apresentada. Torna-se evidente, conforme a sucessão dos planos, a impossibilidade do conhecimento. Não se trata, no entanto, de uma crítica — que levaria o filme, paradoxalmente, senão ao documentário, pelo menos a um parente próximo: o filme de tese —, mas de uma ultrapassagem, já no nível do descompromisso e da leviandade, elementos fundamentais para a fruição do humor e o emergir da invenção. Ao invés da crítica da verdade, *Idos com o Vento...* propõe, sabiamente, o riso de verdade.

---

[1] Borges, J.L. — Exame da Obra de Herbert Quain — in *Ficções*, Editora Globo. Tradução de Carlos Nejar.
[2] Blixen, Karen (Isak Dinesen) — Os Sonhadores (Les Rêveurs) — in *Sete Contos Góticos* — Tradução francesa (Editions Stock — Livre de Poche)

BERNARDO CARVALHO é cineasta, roteirista e crítico da revista *ISTO É*